

O uso da linguagem no desenvolvimento do pensamento humano

The use of language in the development of human thought

Márcia Martins de Oliveira Abreu¹
Adriana Pastorello Buim Arena²

RESUMO

O presente ensaio é resultado de reflexões acerca da temática *linguagem*, tecidas por meio de interlocuções com alguns teóricos, dentre os quais Bakhtin e Volochínov, Charaudeau, Vygotsky e Wittgenstein. O estudo tem o objetivo de buscar subsídios para melhor compreensão da linguagem e de sua relação com o pensamento no desenvolvimento humano. O estudo convida o leitor para uma reflexão sobre as experiências humanas com a linguagem, explicitando aspectos inerentes a ela como a dialogicidade, a dialética, a criatividade, a contextualização e processos de bricolagem que se materializam em sua utilização.

Palavras-chave: Linguagem. Pensamento. Desenvolvimento humano.

ABSTRACT

The present essay is the result of reflections on the thematic *language*, woven through interlocutions with some theorists, among them Bakhtin e Volochínov, Charaudeau, Vygotsky and Wittgenstein. The aim of this study is to find ways to better understand the language and its relation to human development thinking. The study invites the reader to reflect on human experiences with language, explaining inherent aspects such as dialogic, dialectic, creativity, contextualisation and the bricolage processes that materialize in its use.

Keywords: Language. Thought. Human development.

Introdução

Partindo da premissa bakhtiniana do estabelecimento de possíveis relações dialógicas entre vários discursos, o presente estudo pretende com a ajuda de alguns autores, identificar a intrínseca relação entre a linguagem e o pensamento, e elencar

¹Doutorando em Educação. Professora da ESEBA – UFU, Brasil. E-mail: mmartinsabreu@uol.com.br

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFU, Brasil. E-mail: dricapastorello@gmail.com

determinadas características que envolvem o fenômeno da linguagem na busca por possibilidades de compreensão sobre alguns aspectos que a constituem.

A abordagem e a tentativa de definição de elementos que envolvem o tema *linguagem* se configuram como um desafio, na medida, em que a temática apresenta naturalmente uma dupla complexidade, prática e teórica. Em sua constituição, a linguagem se faz complexa pela singularidade dos contextos em que é produzida, ou seja, nas práticas sociais. Aliado a esse fato, pode-se afirmar ainda, que a linguagem é um campo de estudo e de interesse de diversos territórios teóricos, o que faz que existam diferentes formas de abordagens sobre a mesma temática, de acordo com a área de conhecimento que a investiga, ou seja, se constitui de forma divergente e complexa também nos discursos teóricos.

Mesmo consciente dessa dupla complexidade e da amplitude do tema, as presentes reflexões se materializaram para estabelecer possíveis diálogos sobre alguns aspectos da linguagem a partir de determinados estudos, alguns mais antigos (Bakhtin e Volochínov, Vygotsky, Wittgenstein) e outro mais contemporâneo (Charaudeau), no entanto, todos fundamentais para a reflexão geral sobre a temática, sendo possível, senão definir a linguagem, ao menos entender melhor sobre a complexidade de seu funcionamento e suas relações com o desenvolvimento humano.

Sob o ponto de vista das ciências humanas e com o olhar para o contexto educacional, o estudo não busca uma exatidão sobre a definição do termo, mas ao contrário, o estabelecimento de possíveis diálogos, ou ainda de monólogos, em termos bakhtinianos, naturais de um processo investigativo, que possam abrir espaços para novas análises de alguns aspectos constitutivos da linguagem.

Relação linguagem e pensamento

A abordagem da relação linguagem e pensamento, no contexto deste estudo, realiza-se a respeito da importância da linguagem para o desenvolvimento humano,

especialmente no que se refere ao aspecto cognitivo, já pesquisado e sistematizado em diferentes estudos que o antecedem.

A intrínseca ligação existente entre a linguagem e o pensamento é inquestionável. Como o pensamento sofre interferência da linguagem, ele é constituído por ela. Neste sentido, o pensamento não apenas é estimulado pelas diferentes experiências comunicativas que o sujeito vivencia no decorrer da sua vida, mas também estimula, a partir dessas experiências, novas formas de se comunicar, que vão se tornando cada vez mais complexas, no decorrer da existência humana. Sendo assim, entende-se que a linguagem possui forte interferência no desenvolvimento do pensamento e se constitui a partir de significativa influência do mesmo.

Por meio da linguagem o homem consegue revelar suas ideias, concepções, conhecimentos, valores, costumes e sentimentos que são expressos em suas ações nas relações que estabelece cotidianamente com outras pessoas. Assim, pode-se afirmar que a linguagem, no decorrer da trajetória existencial humana, vai proporcionando ao indivíduo um processo de constituição tanto individual como coletiva.

Neste sentido, a demonstração do pensamento, por meio da linguagem, contribui para que o sujeito se torne, cada vez mais, um ser único, singular, e que, ao mesmo tempo, desenvolve semelhanças aos seus pares, ampliando o sentimento de pertença a um grupo de indivíduos, enfim, a consciência de coletividade. De acordo com Charaudeau (2014, p. 7),

É a linguagem que permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. É também a linguagem que permite ao homem viver em sociedade. Sem a linguagem ele não saberia como entrar em contato com os outros, como estabelecer vínculos psicológicos e sociais com esse outro que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente. Da mesma forma, ele não saberia como constituir comunidades de indivíduos em torno de um “desejo de viver juntos”.

Compactua-se assim com o entendimento de que a linguagem seja realmente primordial para a constituição, individual e coletiva, do sujeito influenciando em seus mais diversos aspectos do desenvolvimento, especialmente no que se refere ao intelectual.

Nessa perspectiva, os estudos sobre a notável relação existente entre a linguagem e o pensamento, realizados por Vygotsky (1989), contribuem de forma significativa para o debate apontando para as áreas que trabalham com o desenvolvimento humano, como a área da educação, possibilidades de estudos teóricos e práticos bem como aprofundamentos sobre a temática. Portanto, a reflexão apresentada neste estudo sobre a relação entre linguagem e pensamento se faz sob a ótica vygotskiana.

Para Vygotsky (2001, p. 409), “o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza”. Dessa forma, entende-se que é no uso da palavra, constituída de significações, presente no estabelecimento das relações sociais, que o pensamento humano se materializa de forma singular para cada indivíduo. É então, por meio da linguagem, ação própria do ser humano, que ele consegue estabelecer seu pensamento e materializá-lo de forma compreensível para si e também para os outros.

Nas investigações de Vygotsky (1989, p. 37-55), sobre as raízes genéticas do pensamento e da linguagem, o autor verificou que, embora a linguagem constitua o pensamento, assim como os instrumentos linguísticos e a experiência sócio-cultural da criança, as ações do pensamento e da linguagem não possuem as mesmas origens. As ações da linguagem e do pensamento não se inter-relacionam em uma ligação primária, mas ao longo do progresso de desenvolvimento da linguagem e do pensamento, momento em que se inicia uma conexão entre esses dois fenômenos que irão se transformar e se desenvolver paulatinamente no decorrer do desenvolvimento humano.

Neste sentido, o autor observou que a partir do momento em que as ações da linguagem e do pensamento se inter-relacionam, a criança começa a atribuir significados às coisas e a expressá-los por meio da linguagem, estabelecendo então, a partir daí, uma nova forma de organização do pensamento e da linguagem em que a ação de pensar começa a ser verbalizada e concomitantemente a linguagem passa a se definir de forma racionalizada.

Mediante essa identificação, já apresentada nos estudos de Vygotsky e tão debatida em outros estudos, da intrínseca relação entre as ações humanas de pensar e de se materializar o pensamento pela linguagem, compactua-se com a compreensão vygotskyana de que ambas ações, apesar de distintas e de possuírem diferentes procedências, passam a se relacionar no decorrer do desenvolvimento humano, estabelecendo assim relações singulares entre a linguagem e o pensamento. Neste contexto, entende-se que a história e a cultura possuem papel essencial na trajetória desenvolvimental do homem, uma vez que ambas irão definir as experiências que irão constituir o sujeito e suas ações tanto no âmbito da linguagem como do pensamento. Para Vygotsky (1989, p. 54-55),

A natureza do próprio desenvolvimento transforma-se do biológico no sócio-histórico. O pensamento verbal não é uma forma natural de comportamento, inata, mas é determinado pelo processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais do pensamento e do discurso.

Nesta perspectiva, considera-se que o desenvolvimento humano, especialmente no que se refere à linguagem e ao pensamento, acontece sobre a influência do contexto ao qual o sujeito pertence. Apesar do ser humano desenvolver a fala e o pensamento seguindo o percurso, acima citado, é necessário considerar que cada sujeito pertence a um contexto social, histórico e cultural. Nesse sentido, Vygotsky (1989) contribui ainda com a discussão, mostrando que a relação do sujeito com o mundo é uma relação mediada, em que a base de apreensão do mundo, por

meio da internalização das representações mentais de seu grupo social, se dá pelas interações que possibilitam a construção do conhecimento, primeiramente no plano externo e social e posteriormente no plano interno e individual. Dessa forma, os integrantes mais experientes, da sociedade à qual a criança pertence, exercem uma função fundamental nas aprendizagens dos sujeitos menos experientes.

Partindo então do pressuposto vygotskyano de que a formação do pensamento não se realiza de maneira autônoma, mas sob as influências do meio, sofrendo mediações dos signos e dos instrumentos culturais que o sujeito encontra disponíveis na sociedade, pode-se afirmar que o contexto social em que o indivíduo nasce e se desenvolve, bem como os processos de mediação que ele irá vivenciar, com as pessoas mais próximas e os instrumentos disponíveis em seu percurso desenvolvimental, influenciará de forma significativa na constituição desse processo.

De acordo com Vygotsky,

[...] o processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (apud OLIVEIRA, 1997, p. 33).

Mediante essas considerações, fica explícita a importância da utilização de instrumentos pelo sujeito em suas ações no mundo e ainda dos processos de mediação por meio das palavras, ou seja, da linguagem, para o seu desenvolvimento. A ação humana de pensar necessariamente pressupõe o uso de palavras ou imagens e isso só acontece porque o sujeito nasce em determinado meio que é histórico e possui já uma cultura.

Sendo assim, pode-se concluir que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento traça um percurso permeado pelas marcas sociais da cultura e da história da qual o sujeito faz parte, revelando a natureza social do conhecimento e do desenvolvimento humano.

Reflexões sobre a linguagem

Na busca pela compreensão de alguns aspectos que envolvem a linguagem e a partir das análises tecidas sobre a relação linguagem e pensamento, considera-se necessária a exposição de alguns apontamentos, no contexto deste estudo, sobre determinadas especificidades da linguagem. Longe de almejar esgotar um tema tão amplo, o presente exercício de pensar sobre a linguagem permitiu o encontro de algumas possibilidades de caracterização do fenômeno e auxiliou nas ponderações realizadas no decorrer da abordagem do tema. As reflexões alcançadas se ampararam significativamente nos estudos dos teóricos Vygotsky, Wittgenstein e Bakhtin e Volochínov.

Considerando o pressuposto vygotskyano de que o desenvolvimento humano, assim como a linguagem se realiza no sujeito, por meio das interações estabelecidas no meio ao qual ele pertence, considera-se que a linguagem, de forma bem singular se desenvolve em cada indivíduo conforme o contexto em que este sujeito se encontra inserido, bem como de forma dependente às circunstâncias por ele vivenciadas.

Sendo uma forma de manifestação inerente a sujeitos que são únicos e que ocupam espaço e tempo singulares, e que da mesma forma vivenciam situações que são também únicas, entende-se que a análise sobre qualquer forma de linguagem pressupõe o conhecimento da situação em que esse fenômeno foi produzido, não havendo como delimitar o significado de uma palavra desconsiderando o seu contexto de produção.

A partir de uma análise realizada no campo filosófico, pode-se encontrar

algumas implicações, na segunda parte da obra de Wittgenstein (1995), que elucidam a falta de uma essência única, ou mesmo universal da linguagem, bem como a importância da contextualização sobre a produção da linguagem. De acordo com o filósofo, não existe uma linguagem que seja única, mas “jogos de linguagem” articulados aos seus usos, nas mais diversas situações existenciais.

Ao utilizar-se da expressão “jogos de linguagem”, o autor atribui relevância à práxis do fenômeno, ao elucidar, com a utilização da palavra “jogos”, a multiplicidade de atividades das quais ela faz parte, bem como evidencia o seu caráter dinâmico em contrapartida à rigidez da “forma lógica”. De acordo com o autor,

Denominamos as coisas e podemos falar sobre elas, referimo-nos a elas no “discurso”. Como se já fosse dado, com o ato de denominar, uma coisa que significasse: “falar das coisas”. Ao passo que fazemos as coisas mais diferentes com nossas frases. Pensemos apenas nas exclamações. Com todas as suas funções distintas:

Água!

Fora!

Ai!

Socorro!

Bonito!

Não!

Você está ainda inclinado a chamar essas palavras de “denominações de objetos”? (WITTGENSTEIN, 1995, p. 36-37).

Como se observa, Wittgenstein, ao explicitar de maneira prática a dinamicidade e flexibilidade da linguagem em uso, evidencia a inviabilidade de determinação de uma linguagem que seja universal, única e ideal. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que os significados das palavras ou ainda das frases produzidas por um “jogo de linguagem” podem variar infinitamente conforme o contexto em que esse “jogo” acontece. Aliado a essa constatação do autor, supõe-se que o uso de uma expressão que se realiza plenamente satisfatória dentro de uma situação não produz o mesmo sentido quando utilizada em outro contexto.

Sendo assim, compreende-se que pensamento do filósofo, segundo o qual a

linguagem não é simples instrumento de representação das coisas que fazem parte do mundo, mas reconhece que a linguagem humana, de caráter extremamente dinâmico, possui o poder de transcender, desempenhando um papel muito mais relevante do que meramente nomear, conceber, enfim, representar o mundo.

A partir das considerações de Wittgenstein, uma questão que se acrescenta na análise sobre o fenômeno da linguagem no contexto deste estudo, especialmente quando se lança o olhar sobre a analogia oferecida pelo filósofo, nomeando-o de jogo, é o fato de que assim como o jogo envolve um diálogo, a linguagem também pressupõe um significativo dialogismo. No entanto, sob uma ótica bakhtiniana, considera-se relevante a abordagem do diálogo como processo que permite o surgimento do novo pela superação do outro, presente no pensamento humano.

O dialogismo se realiza na concretização da linguagem, independentemente da presença de outro, como sujeito físico, no contexto em que ela acontece. Isso se dá porque assim como a vida deriva do diálogo, a linguagem também resulta de um diálogo permanente. O dialogismo constante com as várias falas, vozes, experiências, é que permitirá ao sujeito tomar consciência dele mesmo. Neste sentido, *o outro*, de alguma forma, sempre estará presente no sujeito e na linguagem que ele expressa, seja por palavras, pensamentos e ações.

Em consonância com a perspectiva bakhtiniana, o emprego do conceito diálogo, no contexto deste estudo, se refere a toda forma de “comunicação verbal” buscando a amplitude que o termo pode oferecer em sua utilização. Para os autores abaixo citados,

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 127).

Neste sentido, o diálogo aqui abordado se constitui como diferentes formas de se entrar em contato com o outro e com o que o outro proporciona, de forma que ele esteja presente no pensamento humano. Sendo assim, considera-se que o dialogismo, na condição de característica constitutiva da linguagem, não apenas está presente nas interações verbais estabelecidas pelo sujeito, mas é condição para que ocorra a linguagem. O contato com o outro, em diferentes situações cotidianas ao longo da vida, irá oportunizar o desenvolvimento do pensamento do homem e conseqüentemente da linguagem.

Seja por meio da fala, do gesto ou da escrita, as ideias dos outros sempre se farão presentes no pensamento do sujeito que realiza a linguagem, por isso, pode-se afirmar que a revelação do pensamento humano apresenta falas de outros sujeitos, que de alguma forma se relacionaram com ele, alterando o seu modo de pensar e conseqüentemente definindo as manifestações de suas ideias por meio da linguagem. Nesse processo, pode-se afirmar que a expressão humana se encontra permeada por diversas falas de outras pessoas.

No entanto, embora existam essas várias vozes que dialogam com o sujeito, o pensamento expresso não se limita apenas a um conjunto de falas de outros, mas se constitui do resultado de uma interlocução das ideias apresentadas por outros e as próprias conclusões do sujeito, já construídas anteriormente, em outros diferentes diálogos.

Nesta perspectiva, o homem, por meio da linguagem, expressa de forma bem singular, sua própria interpretação sobre o que ouviu, sentiu, apreciou, leu, olhou, tocou, lembrou, enfim, vivenciou em determinada relação com o outro. Conforme já anunciado, o outro referenciado no contexto deste estudo não se apresenta apenas em forma de uma pessoa física, mas também pode ser uma forma de produção oral, gestual, escrita, dentre outras formas de expressão do pensamento humano. Ao estabelecer essa determinada relação com a produção de alguém, a alteridade provocada por este dialogismo permite ao sujeito reelaborar, redefinir e criar suas

próprias ideias e concepções materializadas na linguagem. Segundo Bakhtin (2003, p. 402),

As influências extratextuais têm um significado particularmente importante nas etapas primárias de evolução do homem. Tais influências estão plasmadas nas palavras (ou em outros signos), e essas palavras são palavras de outras pessoas, antes de tudo palavras da mãe. Depois, essas “palavras alheias” são reelaboradas dialogicamente em “minhas-alheias palavras” com o auxílio de outras “palavras alheias” (não ouvidas anteriormente) e em seguida [nas] minhas palavras (por assim dizer, com a perda das aspas), já de índole criadora.

Em consonância com Bakhtin, entende-se, então, que a linguagem se constitui por meio de um dialogismo, pelo qual o processo de apropriação das ideias do outro se relacione com as ideias que o sujeito já tenha estabelecido em momentos anteriores, por meio de diversos diálogos, resultando em uma superação de determinado pensamento. A isso vai denominar “índole criadora” (BAKHTIN, 2003, p. 402).

Esse processo de criação do pensamento, que ocorre por meio dos diferentes diálogos estabelecidos pelo sujeito, ao refletir em sua linguagem, se realiza pelas interações verbais concretizadas nas mais diversas situações presentes da existência cotidiana, tais como uma conversa informal, uma leitura, a apreciação de uma palestra, uma música, uma apresentação cultural ou um programa de televisão, dentre outras atividades que fazem parte da vida humana. Assim, entende-se que os diálogos, como formas de interação verbal, são imprescindíveis aos processos, não apenas na comunicação entre os sujeitos, mas especialmente nos processos de criação, de superação de ideias.

Esse processo de produção de pensamento se caracteriza por meio dos diálogos que os sujeitos vão tecendo no decorrer da vida. Ele se realiza no homem, diferentemente do que acontece nos outros animais. Sendo assim, sem o outro não

seria possível a constituição do pensamento pela linguagem. Vygotsky firma que

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, e sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VYGOTSKY, 1989, p. 33)

O estudo de Vygotsky apresenta a fundamental importância das relações interacionais para a apropriação e desenvolvimento da linguagem no contexto em que os sujeitos estão inseridos. O outro, tanto no estudo de Bakhtin como no estudo de Vygotsky, assume um importante papel no desenvolvimento da linguagem e do pensamento humano. O primeiro apresenta a relação com o outro por meio do dialogismo, inerente ao processo de desenvolvimento da linguagem, em todas as etapas da vida humana, e o segundo, de maneira dialética define o fundamental papel do outro para o desenvolvimento do homem desde a mais tenra idade.

Com essas considerações, entende-se que ambos os autores colaboram para a busca da compreensão sobre o desenvolvimento da linguagem, porque apresentam de forma muito dialógica e dialética o *outro* que medeia, infere e potencializa a capacidade de aprender, de pensar e de expressar do sujeito, possibilitando-lhe avanços dos mais diferentes aspectos do desenvolvimento e especialmente da linguagem e do pensamento.

Ao pensar em produção de pensamento e expressão humana por meio da linguagem, entende-se que a linguagem se materializa dialeticamente a partir das experiências que o sujeito vivencia no decorrer de sua trajetória. Neste sentido, identifica-se que as diferentes formas de linguagens são desenvolvidas socialmente e produzem os bens culturais e ideológicos de acordo com suas várias formas de utilização nos diversos contextos sociais que os sujeitos frequentam, agem, enfim, vivenciam. Em outras palavras pode-se dizer que as diferentes linguagens se

constituem no uso e pelo uso que se faz dela, e sua constituição se dá em sua utilização.

Considerações finais

Ao final deste ensaio, com base nas reflexões apresentadas, compreendeu-se que a linguagem é fenômeno que possibilita a troca entre os homens de toda forma de pensamento, sensação, sentimento. É a linguagem que possibilita a interação entre os sujeitos e os avanços do desenvolvimento humano, tanto nos aspectos cognitivo como no sócio-afetivo. As interlocuções com alguns conceitos das teorias vygotskyana e bakhtiniana colaboraram para o entendimento da linguagem como uma atividade dialógica, dialética, contextualizada, criativa e materializada no uso que se faz dela. Independente da língua utilizada pelos sujeitos, a linguagem é o que proporcionará a evolução do homem, especialmente o desenvolvimento de sua ação de pensar.

Com base nessas reflexões, tornou-se evidente a intrínseca relação entre a linguagem e o pensamento que se inter-relacionam no decorrer do desenvolvimento humano e a identificação de alguns aspectos que caracterizam o fenômeno e nos auxiliam a pensar sobre ele. Outra ponderação que o estudo possibilitou foi a de que nenhuma análise de qualquer situação comunicativa pode ser descolada do seu contexto de criação, pois ela sempre será criada por sujeitos que são sociais, históricos, culturais e únicos e, sendo assim criarão “jogos de linguagens”, em termos wittgensteinianos, que também só possuem um sentido e significado específico referente àquela situação construída naquele determinado “jogo”.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. A interação verbal. In: _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2014.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins, 2001a.

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico* 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. In: Os Pensadores, São Paulo, Abril: 1995.

Recebido em janeiro de 2017.

Aprovado em abril de 2017.